

■ CHRIS HUGHES, CO-FUNDADOR DA REDE SOCIAL

“É hora de desmantelar o Facebook”

Num artigo de opinião publicado no *The New York Times*, Chris Hughes, co-fundador do Facebook, afirma que “é hora de desmantelar” a rede social. As críticas não ficam por aqui, com Hughes a pedir acção aos reguladores



Chris Hughes ajudou a criar a maior rede social do mundo, num dormitório de Harvard. Quinze anos depois, utiliza um artigo de opinião para descrever Zuckerberg como “uma pessoa boa e generosa”, mas não poupa na crítica. “Tem uma influência que mais ninguém tem no sector privado ou no Governo”, é possível ler no extenso artigo de opinião, publicado na última quinta-feira.

Criticando o monopólio da empresa que ajudou a criar e onde já não trabalha há mais de dez anos, Chris Hughes refere que Mark - Zuckerberg “criou um leviatã que expulsa o empreendedorismo e restringe a escolha do consumidor”.

Perante este cenário, o co-fundador da rede social pede aos reguladores medidas para limitar a operação do Facebook. Enquanto empresa, o Facebook tem a seu cargo o Messenger, o Instagram e também o WhatsApp, com as estimativas a apontar que Zuckerberg controle cerca de 80% das receitas das redes sociais.

Nas palavras de Chris Hughes, “controla três plataformas de comunicação nucleares - Facebook, Instagram e WhatsApp - usadas por milhares de milhões de pessoas todos os dias”.

“O Mark consegue decidir sozinho como configurar os algoritmos do Facebook para determinar aquilo que as pessoas vêem nos feeds de notícias, que definições de privacidade usam e que tipos

de mensagens são entregues. Ele define as regras”, escreve no artigo de opinião.

“O Governo deve responsabilizar Mark. Há demasiado tempo que os legisladores estão maravilhados com o crescimento explosivo do Facebook e desvalorizam a responsabilidade de garantir que os americanos estão protegidos e que os mercados são competitivos”, aponta Chris Hughes.

Nos últimos anos, têm sido flagrantes os problemas de privacidade do Facebook, com as críticas a adensarem-se. O caso Cambridge Analytica é o maior exemplo, levando até Mark Zuckerberg a reconhecer que a reputação da empresa relativamente ao tema da privacidade não é a melhor.

Críticas

Entretanto, Brian Acton é um dos co-fundadores do WhatsApp, plataforma de mensagens instantâneas que foi vendida ao Facebook, em 2014, por 19 mil milhões de dólares. Depois de deixar a tecnológica, o empreendedor tem sido particularmente crítico da rede social. Há dois meses, num discurso na Universidade de Harvard, nos EUA, voltou a pedir que, sobretudo os jovens, abandonem a rede social.

“Nós demos-lhes poder (às tecnológicas). Essa é a parte má. Nós compramos os seus produtos. Nós registamos nestes websites. Apaguem o Facebook, certo?”.

Não foi a primeira vez que

o responsável fez o pedido. Em 2018, depois do escândalo de privacidade que ficou conhecido como Cambridge Analytica e que afectou quase 90 milhões de utilizadores, Acton aderiu ao movimento #deletefacebook (apaga o Facebook, em tradução livre).

Na base das críticas e dos pedidos de abandono da rede social está o modelo de negócio no qual o Facebook ganha dinheiro através da perfilação minuciosa dos seus utilizadores, método que só é possível através de uma extensa recolha de dados.

As críticas de Brian Acton podem parecer irónicas, sabendo que o responsável lucrou sobremaneira com a venda da sua empresa ao Facebook, mas o próprio faz um mea culpa. “Eu vendi a privacidade dos meus utilizadores para um benefício maior”.

“Se olhares para a cultura de Silicon Valley, as pessoas perguntam ‘Podias não ter vendido?’ e a resposta é não”, explicou aos estudantes. “Eu tinha 50 empregados, tinha de pensar neles e no dinheiro que fariam com esta venda. Tinha de pensar nos nossos investidores e tinha de pensar na minha posição minoritária. Eu não tinha a influência total para dizer não caso, assim o quisesse”.

Brian Acton recordou depois o modelo de negócio que o WhatsApp tinha - cobrar um dólar por um ano de utilização do serviço - e em como isso não encaixa no perfil das grandes tecnológicas.

“Se tens mil milhões de

utilizadores, vais ter mil milhões de dólares em receitas. Não é isso que a Google e o Facebook querem. Eles querem milhares de milhões de dólares”.

Arrependimento

No ano passado, o antigo vice-presidente do Facebook responsável pelo crescimento de utilizadores, Chamath Palihapitiya, disse que se sentia arrependido sobre o seu trabalho nessa rede social. Na altura, disse que pretendia avisar os utilizadores para os riscos que correm.

Os avisos tinham sido lançados numa conferência, na Stanford Graduate School of Business. Aqui ficam alguns

dos comentários mais importantes que fez na conferência:

Sente-se “tremendamente culpado”, sobre a sua participação no Facebook. “Acho que criámos ferramentas que estão a destruir o tecido social e a forma como a sociedade funciona. Os ciclos de feedback de curto prazo guiados pela dopamina (sistema do cérebro de comportamento motivado pela recompensa), onde se incluem os corações, gostos e polegares para cima, estão a destruir a forma como a sociedade funciona”.

Chamath acrescentou mesmo que, “não há discurso cívico, nem cooperação, apenas desinformação e falta de verdade. E não é um pro-

blema americano - não é sobre os anúncios russos. É um problema global.”

Já relativamente a um incidente que levou a que sete homens inocentes na Índia fossem linchados, depois de uma partida sobre raptos que se espalhou pelo WhatsApp:

“É com situações desta que estamos a lidar. E imaginem levar isto a um extremo, onde maus actores podem manipular grandes quantidades de pessoas e fazer o que eles querem. É uma situação muito grave”.

Já quando lhe perguntam se os seus filhos usam redes sociais, respondeu: “eles não podem usar”.



Co-fundador da rede social pede aos reguladores medidas para limitar a operação do Facebook

O WhatsApp actualizou as definições de compatibilidade com os diferentes sistemas operativos. A partir de 2020, a aplicação deixará de funcionar em telefones com o sistema operativo da Microsoft. É algo que o serviço de mensagens faz com frequência - terminar a compatibilidade com determinadas versões dos sistemas operativos, normalmente as mais antigas.

Desta vez, o serviço de mensagens anunciou que só será possível usar o WhatsApp no Windows Phone até ao dia 31 de Dezembro de 2019. E, ainda assim, algumas funcionalidades existentes podem não funcionar até esse dia, garante o WhatsApp. Até aqui, é possível usar o WhatsApp na versão 8.1 do Windows Phone, lançada em Abril de 2014. A partir do próximo ano, será o fim da utilização no sistema operativo móvel da Microsoft, mesmo para quem tenha a versão mais recente.

O sistema operativo móvel da Microsoft nunca chegou a atingir um grau elevado de popularidade, especialmente quando comparado com o domínio de mercado do Android. O WhatsApp não é o único produto detido pelo Facebook que deixará de funcionar no Windows Phone.

Recentemente, foi também indicado que as aplicações do Facebook iriam deixar de funcionar para quem tivesse Windows Phone. Isto inclui toda a família de apps da empresa de Mark Zuckerberg: Messenger, Instagram e o Facebook. Até aqui, só o WhatsApp ficava de fora da lista de exclusões. O Windows Phone foi lançado a 21 de Outubro de 2010. Quando a Microsoft adquiriu o negócio da Nokia, em 2013, foram justamente os smartphones desta marca a faceta mais visível do sistema operativo móvel da tecnológica norte-americana. Além do Windows Phone, também as versões a partir do Android 2.3.7 e do iOS 7 vão deixar de ser compatíveis com o WhatsApp, a partir de 1 de Fevereiro de 2020.

Para quem não actualizar as versões de sistemas operativos mais obsoletas, não será possível criar ou reactivar a conta do WhatsApp, indica a nota partilhada no blog da empresa, que é regularmente actualizada.

Fim da compatibilidade com WhatsApp



WhatsApp

Tentativa de acordo com o supervisor

O Facebook e a FTC, que supervisiona as práticas empresariais nos Estados Unidos, estarão a tentar chegar a um acordo relativamente aos problemas de privacidade. Além de uma avultada multa, o acordo poderá representar também a inclusão de novos executivos na estrutura da empresa.

A notícia é avançada pelo Político, que aponta que o acordo inclui, além de uma multa, que poderá variar entre os 3 e os 5 mil milhões de dólares, a criação de novos lugares na estrutura do Facebook.

“Um possível acordo pode exigir a colocação de executivos focados na privacidade nos níveis mais altos da empresa”, aponta o site, citando uma fonte ligada às negociações.

Há uma semana, durante a apresentação na conferência F8, Mark Zuckerberg referia que “a privacidade é o próximo capítulo” da história da empresa. A juntar a isto, frisava também que iriam colaborar de perto com entidades e especialistas em privacidade - ainda que não tenha indicado quem seriam estas figuras.

De acordo com o Político, será Mark Zuckerberg a assumir o papel

de ‘designated compliance officer’, algo como o papel de responsável por conformidade com as práticas de privacidade.

O acordo refere ainda que estas novas figuras terão de ser aprovadas pelas autoridades federais. Além de figurar na estrutura do Facebook, as ideias destes executivos precisarão ainda de ser discutidas com um “comité independente de supervisão de privacidade”, que será criado para avaliar as decisões da rede social. Neste grupo, estariam também incluídos membros do Facebook.

Por enquanto, fica por esclarecer se as decisões do comité poderão efectivamente ter algum tipo de autoridade ou influência no destino dos produtos do Facebook, que tem sob a sua alçada a rede social, o Messenger, Instagram e WhatsApp.

A FTC está a investigar a participação do Facebook no caso Cambridge Analytica, onde terão sido violadas as práticas de privacidade e expostos os dados de 87 milhões de utilizadores na rede social.

Caso o Facebook e a FTC não consigam chegar a acordo, o assunto avançará para tribunal.

“Gangsterismo digital” prejudica utilizadores

O Facebook violou deliberadamente a lei da privacidade e concorrência, de acordo com um relatório parlamentar do Reino Unido, que adverte para a necessidade de ser elaborada a regulamentação urgente, para fazer face a esse tipo de irregularidades. Esse documento classifica mesmo que os executivos da empresa que gere a rede social como “gangsters digitais.”

O relatório, de Fevereiro passado, da responsabilidade da comissão Digital, Cultura, Média e Desporto, na sequência de uma investigação de 18 meses sobre notícias falsas e desinformação, acusa mesmo o Facebook de obstruir de forma propositada a investigação sobre as tentativas da Rússia de manipular eleições. Algo que levou Damian Collins, presidente desse comité do parlamento britânico, a frisar que “a democracia está em risco”, por ser o “alvo malicioso e implacável”, ao se atingirem os cidadãos “com desinformação e anúncios obscuros por parte de fontes não identificadas através das principais plataformas de redes sociais usadas todos os dias.”

Há três ideias fundamentais que podem ser retiradas do relatório de 108 páginas. Uma delas é que Mark Zuckerberg, um dos fundadores e CEO do Facebook, é acusado de ignorar três pedidos do parlamento britânico para que fizesse o seu depoimento,

em vez de ter enviado funcionários incapazes de responder às perguntas da comissão.

Menos informações falsas

Entretanto, a rede social Facebook anunciou, recentemente, ter eliminado 2.632 páginas, contas e grupos suspeitos de ligações ao Irão, Rússia, Macedónia e Kosovo, acusando-os de difundir informações falsas para influenciar sentimentos políticos dos utilizadores.

A rede social apagou 1.907 páginas, grupos e contas do Facebook e do Instagram alegadamente ligadas à Rússia, 513 ligadas ao Irão e 212 ligadas à Macedónia e ao Kosovo, considerando-os “enganosos” e “inautênticos.”

De acordo com o chefe de segurança do Facebook, Nathaniel Gleicher, as páginas enganavam os utilizadores “sobre identidades e actividades” e partilhavam informações falsas publicadas sob a forma de notícia.

As contas abordavam temas como as sanções impostas por Washington a Teerão, as tensões entre a Índia e o Paquistão e os conflitos na Síria e no Líbano. Os números divulgados surgiram num momento em que a rede social já enfrentava várias acusações que colocam em dúvida a moderação de conteúdos da plataforma, na sequência de um ataque a duas mesquitas em Christchurch, Nova Zelândia, que foi gravado e transmitido em directo no ‘Facebook’, durante 17 minutos.



Mark Zuckerberg é acusado de violar a lei da privacidade e concorrência